

VIGOTSKY¹ E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: BASES CONCEITUAIS MARXISTAS

*Abel Gustavo Garay González²
Maria Aparecida Mello³*

Resumo

O objetivo do artigo é analisar e explicitar as categorias ontológicas e gnosiológicas do materialismo histórico-dialético de Marx que fundamentam os pressupostos da teoria Histórico-Cultural de Vigotsky. Para Vigotsky, o ser humano não é só estrutura biológica, mas, o seu processo de humanização é resultado da relação histórico-cultural, tendo a atividade como mediação principal para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e da zona de desenvolvimento proximal.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural. Materialismo Histórico-Dialético. Processos de Ensino e de Aprendizagem.

VIGOTSKY AND THE CULTURAL- HISTORICAL THEORY: MARXISTS' CONCEPTUAL FOUNDATIONS

Abstract

The objective is to analyze and to explain the ontological and epistemological categories of the Marx's dialectical-historical materialism which substantiate the assumptions Vigotsky's Cultural-Historical Theory. Vigotsky says the human being is not only biological structure, but the process of humanization is the result of the cultural-historical relation of the human being and the activity is the main activity for the development of higher mental functions and the mediation on the proximal development zone.

Key words: Historical-Cultural Theory. Historical-Dialectical Materialism. Processes of Teaching and Learning.

Introdução

Analisar nos escritos da filosofia marxista os principais pressupostos teóricos do Materialismo Histórico-Dialético que subsidiam a Teoria Histórico-Cultural tem sido frequente nas obras de Vigotsky para a com a compreensão das relações dialéticas dos processos do desenvolvimento do psiquismo humano. Vigotsky objetivou em analisar e apresentar novos elementos de análise na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, porque essa teoria não está pautada na concepção biologicista, senão nas atividades mediadas, de índole social e cultural, como elementos determinantes no desenvolvimento do psiquismo humano, tendo como fundamentação teórica o materialismo histórico-dialético de Marx. Isto significa compreender que o âmbito histórico, cultural e social, como categorias marxistas, são categorias que determinam a formação psicológica do ser humano. Isto não significou para ele em negar o aspecto biológico do ser humano, senão, esse aspecto não é suficiente para compreender o desenvolvimento ontológico de o próprio ser humano.

¹ No corpo do trabalho utilizaremos a grafia Vigotsky para citar o referido autor, porém, nas citações de textos manteremos a grafia correspondente à obra utilizada em respeito às normas da ABNT.

² Mestre em Educação. Programação de Pós-Graduação (PPGE) da UFScar. Contato: agarayhi@gmail.com

³ Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de São Carlos. Contato: mmello@ufscar.br

O entendimento ou compreensão dos pressupostos das categorias marxistas da ontologia e da gnosiologia ajudaram a Vigotsky na formação da sua Psicologia Geral, e dessa forma deu corpo teórico e pedagógico a sua teoria, tais como: método microgenético, processos de mediação, zona de desenvolvimento proximal, funções psicológicas superiores, formação de conceitos científicos e espontâneos, formação da linguagem, desenvolvimento dos instrumentos mediadores como signos e ferramentas, a relação dialética entre o social e individual, o desenvolvimento cultural etc.

Hoje, para a compreensão da teoria vigotskyana é necessário à compreensão e estudado aprofundado dos pressupostos marxistas. Fica claro que não podemos cair numa vulgarização da Teoria Histórico Cultural (THC), retirando das obras de Vigotsky a alma de seu trabalho, que seria a própria historicidade dialética, fundamentada no materialismo histórico-dialético. Tirar-lhe este ponto dialético à Teoria Histórico-Cultural é tirar-lhe toda a sua essência.

Por isso, ele, também, é conhecido como o gênio “Mozart” que deu o seu “O Capital” para a Psicologia Geral.

A seguir, alguns pressupostos marxistas que fundamentam a teoria de Vygotski.

Desenvolvimento humano como relação dialética entre o social e individual

Temos uma passagem do escrito lido por Engels (1979) no funeral de Marx, num sábado, 17 de março, que diz o seguinte sobre o seu amigo:

Tal como Darwin descobriu a lei da evolução da natureza orgânica, assim **Marx descobriu a lei da evolução histórica humana**: o simples fato, até então camuflado por uma excrescência da ideologia, de que a humanidade tem antes de mais nada de comer, beber, abrigar-se, vestir-se, antes de poder dedicar-se a política, ciência, arte, religião, etc.; que, por conseguinte, a produção dos meios materiais imediatos de subsistência e, conseqüentemente, o grau de desenvolvimento econômico alcançado por uma dada época, forma a fundação sobre a qual as instituições estatais, as concepções legais, a arte, e mesmo as idéias sobre religião foram desdobradas, e à luz das quais elas tem, por isso, de ser explicadas, em vez do contrario, como tinha sido até então o caso. (ENGELS, F.,1979, p. 220. Grifo nosso).

Notamos nesta passagem o resumo totalizante da vida e da investigação a que chegou Marx. Diz que Marx “descobriu a lei da evolução histórica humana”, indicando que esta é a maior descoberta dele referente ao ser humano. A história humana é a história do desenvolvimento humano porque ele, por meio da sua atividade objetiva e concreta, consegue formalizar uma sociedade que lhe é inerente à sua própria essência. O ser humano é resultado dessa constante relação dialética entre natureza e o social, constituído pelos homens. O fato de que ele precisa comer, beber, vestir-se etc., configura que ele é histórico, precisa elaborar os produtos por meio da sua atividade e dos instrumentos para satisfazer as suas necessidades primárias, precisa viver em sociedade para que ele possa concretizar estas realizações humanas. Ele, sozinho, não consegue viver sequer um segundo sem a presença do outro.

É o próprio ser humano que faz a sua história e é nesse processo de formação histórica que ele se desenvolve. O animal não “escreve” a sua história, mas, podemos falar da história filogenética da espécie animal. Algumas ciências, como a Biologia, falam sobre a história animal. Esta história filogenética ou a filogênese só descreve o processo biológico da evolução da espécie animal e humana, como nascer, reproduzir-se e morrer. O animal não conta nem escreve a sua história, porque ele não tem consciência. E como não tem consciência, ele não se transforma nem transforma a natureza. Ele vive num estado natural.

O homem tem esse estado filogenético, porque ele é um ser biológico, mas, não é o determinante para a sua vida. O ser humano, também se desenvolve ontologicamente, graças à consciência que possui. Ontologicamente o ser humano escreve a sua história por meio das atividades que realiza. O ser humano se humaniza por meio da sua atividade quando transforma a natureza e, como consequência disto, cria a cultura. Mas, este desenvolvimento é, também, sociogenético, porque o ser humano se humaniza dentro do contexto social, no coletivo. Isto não significa de que o individual não tenha sentido, tudo o contrário, o ser humano se desenvolve de forma microgenética, individual, ou seja, a sua consciência é resultado de uma ação individual protagonizada pela ação do social, da cultura humana produzida ao longo do desenvolvimento histórico feita na relação dialética entre natureza e o próprio ser humano.

Diz Engels (1991) o seguinte sobre a humanização do “macaco”:

Resumindo: o animal apenas *utiliza* a Natureza, nela produzindo modificações somente por sua presença; o homem a submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhe as modificações que julga necessárias, isto é, *domina* a Natureza. E essa é a diferença essencial e decisiva entre o homem e os demais animais; e, por outro lado, é o trabalho que determina essa diferença. (ENGELS, F., 1991, p. 223).

Para o ser humano, a natureza é uma ferramenta de mediação para o desenvolvimento da própria essência humana. A mediação da natureza proporciona ao ser humano o seu desenvolvimento psíquico mediante o seu trabalho e também a transformação da natureza. Dominar tem o significado de humanizar e de socializar a própria natureza. Por isso, a natureza constitui um elemento importante de mediação para o desenvolvimento ontológico e sociogenético do ser humano. Dominar pressupõe um alto grau de racionalidade e objetividade. Só o ser humano possui esta racionalidade e objetividade como categorias da essência humana. Então, dominar é racionalizar e objetivar a natureza para que seja elemento de desenvolvimento humano. Ele submete a natureza porque tem uma finalidade concreta e objetiva, que é a superação do estado animal, bruto, biológico em que se encontrava na natureza. O ser humano tem essa capacidade de incluir a natureza nos seus propósitos de desenvolvimento por meio da sua atividade. Já o animal não inclui nada da natureza porque não realiza o trabalho.

Destacamos que o animal exerce uma influência sobre o ambiente em que ele vive, mas, esta não é nada da sua vontade, é só uma influência causal, que não tem uma finalidade específica para o animal. Por isso, quando o animal, depois de exercer influência sobre um determinado local e não tem mais nada a usufruir desse ambiente, ele muda-se para outro espaço. O animal não é capaz de apropriar-se desse ambiente, só utiliza esse espaço ou ambiente para fins biológicos.

O ser humano encontra na natureza a expressão máxima para constituir-se num ser racional e objetivo. Por meio de seu trabalho, ele se afasta da animalidade e por via de um processo dialético vai assumindo características humanas. Daí a importância dessa relação dialética do homem com a natureza em si mesma.

A produção como processo dialético do desenvolvimento humano.

Marx (1999 e 2008) analisa a produção para explicar o desenvolvimento do ser humano e a transformação da natureza por meio do trabalho. Para compreender o materialismo histórico-dialético é necessário compreender o que seria a produção que ele com tanta frequência têm utilizado nos seus escritos. Marx não limitou esse conceito ao nível econômico, mas, por meio do entendimento do que seria a produção, explicou o desenvolvimento humano, a sua humanização no processo dialético entre natureza e processo social, ou seja, a produção explica a formação ontológica e sociológica do ser humano. Como a produção não define só o nível econômico, mas é um conceito dialético que nos permite conhecer uma totalidade social. O modo de produção não descreve uma coisa, não tem essa intenção de descrever as particularidades visíveis. Por exemplo, não chegamos a compreender uma sociedade pela descrição particular do nível econômico. Se um país não está desenvolvido, não encontraremos a causa só na pobreza, no nível econômico. É necessário captar ou descrever as contradições existentes nesse país para explicar a causa intrínseca da falta de desenvolvimento desse país. Isto pode ser aplicado a qualquer objeto para compreender o problema real do objeto. Se observarmos de que há problemas de aprendizagem ou de ensino, não podemos só aceitar como verdades os resultados da simples descrição do problema. Devemos pensar e analisar a totalidade do objeto. Daí importante compreender de que o produto é a síntese de muitas determinações de unidades e contradições no próprio objeto. O produto, também, é um instrumento para analisar em forma científica as diferentes etapas do desenvolvimento humano ao longo da própria história.

O modo de produção determina a forma como se processa historicamente a atividade humana e como a própria atividade, desde a perspectiva do trabalho é à base de toda ordem histórico-social do ser humano.

A sociedade humana faz parte do mundo material porque o próprio ser humano se caracteriza como material e como a matéria mais desenvolvida porque está constituído de cérebro, de um psiquismo, de uma consciência, vontade e tem uma finalidade, um objetivo próprio para apropriar-se da natureza e objetivar-se nela, fazendo que a própria natureza seja humanizada pelo ser humano. A sociedade humana é o espaço onde o ser humano se desenvolve, onde acontece a vida social. Então, a vida social é o produto da atividade humana. Por isso, não falamos só do homem como ser, senão falamos dele como ser social, categoria que lhe imprime uma característica peculiar e bem formal para diferenciá-lo do animal irracional, usando uma expressão aristotélica.

Falamos de ser social porque só o ser humano é capaz de transformar a natureza e a partir dela constituir a sua própria história, uma história humana de desenvolvimento e de grandes realizações humanas. Só o ser humano é social porque consegue fazer, escrever a sua própria história, uma história dialética que pressupõe o desenvolvimento, aquisição e apropriação do produto humano realizado ao longo da história. O ser humano imprime uma característica humana a própria natureza.

Marx (1985) especifica a sociabilidade desta perspectiva:

Por isso precisamente é somente na elaboração do mundo objetivo que o homem se afirma como um ser genérico. Essa produção é a sua vida genérica ativa. Mediante ela aparece a natureza como a sua objetivação da vida genérica do homem, pois este se desdobra não só intelectualmente, como na consciência, mas ativa e realmente, e se contempla a si mesmo num mundo criado por ele. (MARX, K., 1985, p.112).

A especificidade humana esta caracterizada em que ele, o ser humano, elabora um mundo objetivo e concreto, mediante a sua atividade que é realizada em conjunto, em uma esfera social. Afirmar-se como ser genérico indica que só o ser humano é capaz de elaborar esse mundo objetivo mediante a sua atividade e só ele pode objetivar-se em seu produto social. O mundo objetivo é resultado da própria atividade humana e, também, este mundo objetivo serve como objetivação dele próprio. Notamos que o mundo objetivo é a objetivação do ser humano e não uma simples exteriorização do ser humano. Quando afirmamos que este mundo real e concreto é a objetivação do ser humano estamos afirmando que o ser humano se relaciona com o seu produto, se apropria da essência primeira e primária do objeto e encontra nele, no mundo real, a forma das necessidades sociais, características sociais humanas. O produto humano é uma necessidade social, não é uma necessidade de sobrevivência, que só caracteriza aos animais. O ser humano se objetiva no produto resultante da atividade humana.

Nesta passagem podemos observar a formação dialética da história, quando o ser humano transforma o mundo como afirmação da sua essência humana. Transformar é produzir e, esta produção é de vital importância para o ser humano porque significa ultrapassar a questão da sobrevivência para elaborar produtos sociais por mediação da sua atividade consciente e intencional.

Para Marx (2008) o desenvolvimento humano é realizado a partir da sua atividade, seu trabalho, ao longo da sua história ontológica:

Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. (MARX, 2008, p. 47).

Nesta passagem podemos falar sobre a dialética da apropriação e da objetivação do ser humano no processo de produção como resultado de toda a atividade humana, concretizada a partir da perspectiva do seu trabalho.

A produção é o resultado da atividade de transformação da natureza por meio de instrumentos, como as ferramentas e a própria consciência humana. Na produção material interferem vários homens. Daí que a produção sempre será uma produção social, não uma produção individual. Neste caso nos referimos ao produto em si mesmo. Este produto é concreto e real. É resultado da intervenção humana na natureza. Por exemplo, o ser humano produz casas, camas, variados instrumentos, que o ajudam na sua cotidianidade etc. Mas, não só o homem produz algo bruto, material na transformação da natureza. Na produção da própria matéria, o ser humano se produz como humano. Quando o ser humano está elaborando um dado objeto material, ele também passa a produzir-se como ser humano. Ele se destaca no objeto, no produto, e desde esta ótica ele se diferencia do animal. O homem se humaniza, torna-se humano, na sua atividade objetivada no produto. Diríamos que o produto humano carrega as marcas históricas do seu desenvolvimento psíquico e, também, mostra como o mundo se humaniza por meio da sua atividade produtora e transformadora. O produto em si mesmo mostra esse processo histórico de humanização.

A totalidade dessas relações de produção constitui a base do processo de desenvolvimento humano. Daí Marx (2008) fala o que constitui a estrutura econômica da sociedade. Entendemos por estrutura econômica a vida em totalidade, um processo histórico de cada época e que deixa a sua marca para cada geração. Por isso falamos que a produção em si mesma carrega essa história humana e que em cada época, o homem vai apropriando-se destes produtos, frutos do trabalho humano, da sua atividade.

Mas, o que seria a totalidade no pensamento dialético? Comumente a totalidade tem o sentido de compreender todos os fatos. Por exemplo, temos um conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem e de ensino nas escolas. Mas, este conhecimento que temos é um conhecimento superficial, um conhecimento das particularidades de um problema, sem nenhuma relação entre a totalidade e a concreticidade. Conhecer as particularidades do objeto não significa conhecer a própria essência do objeto. Por isso, a totalidade é mais que o conhecimento das simples particularidades.

A totalidade no pensamento dialético, segundo Kosik (1976) é o seguinte:

Totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se são entendidos como partes estruturais do todo (KOSIK, 1976, p. 35-36).

Então, a totalidade dialética difere totalmente do sentido de ter conhecimento total dos fatos. Compreender a totalidade do objeto é compreender a própria essência do objeto, ou do próprio problema.

O homem é um ser social, porque não consegue viver sozinho nem consegue ser humano na sua própria individualidade em si. O ser humano constitui-se em ser social por meio de seu trabalho. Este ser social determina o próprio ser do homem, porque lhe imprime uma categoria de humano. Por meio da fabricação do seu produto, o homem modifica o seu ser filogenético. Se não fosse pelo seu produto, pelo seu trabalho, o ser humano não conseguiria objetivar-se nem apropriar-se da totalidade da essência de seu produto.

O papel que desempenha a produção na história humana e na sua vida social é de vital importância para que compreendamos esse dinamismo da transformação do ser humano e da própria natureza, que se apresenta como natureza humanizada pela atividade consciente e intencional desde a perspectiva da produção.

Vásquez (1986, p. 165) diz o seguinte: “O homem se distingue do animal por sua atividade produtiva e, nesse sentido, a produção não é um traço entre outros da existência humana, e sim um traço essencial”.

Isso significa que o ser humano começa a diferenciar-se do animal no momento em que o humano começa a produzir seus meios de existência física e espiritual. Por isso a produção é um traço essencial, inato, no próprio ser humano porque é o meio da concretização da sua própria vida material e espiritual.

Nota-se que a produção relaciona entre si de forma dialética as forças produtivas e as relações de produção que se verificam na própria vida social humana. Não podemos pensar a produção como algo estático dentro da sociedade humana, mas, a produção é algo dinâmico porque está em constante transformação por meio da própria atividade humana e por meio do uso de instrumentos mediadores.

Mediante a produção, o ser humano busca objetivar-se na natureza e no social porque na produção o ser humano se objetiva mediante o seu trabalho. O trabalho é a atividade mediada pelo qual o ser humano humaniza a natureza e se humaniza a si mesmo, de forma consciente e intencional. Poderíamos concluir dizendo de que produção é autoprodução ou autocriação do próprio ser humano. Isto significa que no processo de produção o ser humano supera o seu estado natural biológico, eleva-se sobre sua própria natureza biológica para constituir-se em ser humano histórico-social.

O que fica claro nesta forma de produção é que o ser humano por meio da sua produção, por meio da sua atividade, elabora um mundo objetivo e concreto.

Trabalho como desenvolvimento ontológico e gnosiológico

A categoria central para entender o desenvolvimento histórico e cultural do ser humano passa pela compreensão do conceito de trabalho, categoria que para Marx (1968) não representa como só questão econômica, mas, uma questão ontológica. O trabalho representa a expressão de vida, um ato de autocriação humana, uma atividade e, não uma simples mercadoria criada pelo ser humano. O trabalho é imanente ao ser humano. Ele constitui a sua própria essência.

Eis o que diz Marx (1968):

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo de que participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais de suas próprias forças, pondo em movimento braços e pernas, as forças naturais de seu corpo, a fim de apropriar-se das produções da natureza de forma ajustada a suas próprias necessidades. Pois, atuando assim sobre o mundo exterior e modificando-o, ao mesmo tempo ele modifica sua própria natureza. Ele desenvolve seus poderes inativos e compele-os a agir em obediência a sua própria autoridade. Não estamos lidando agora com aquelas formas primitivas de trabalho que nos recordam apenas o mero animal. [...] Pressupomos o trabalho em uma forma que o caracteriza como exclusivamente humano. (MARX, 1968, p. 202).

Marx (1968) apresenta o trabalho como uma categoria, não só econômica, mas, o mais importante, como categoria ontológica e cognitiva (desenvolvimento da consciência humana).

O trabalho é imanente só ao ser humano, e isso significa que ele é resultado de suas faculdades psíquicas e físicas. Pelo trabalho o ser humano desenvolve o seu psiquismo, a sua consciência em si para uma consciência para si, como forma de humanizar-se. Também, o trabalho caracteriza-se como a funcionalidade dos membros do corpo humano. Na atividade genuinamente humana, o ser humano dá uma função especial a seus próprios membros, como sendo a significação expressiva do uso da própria energia humana. A essência do trabalho não está configurada como um meio para um fim, uma vez que ele é um fim em si mesmo. O trabalho é um processo dialético que se realiza entre o ser humano e a natureza material. Processo, porque por meio de seu trabalho o ser humano vai humanizando o seu lado biológico, as suas funções biológicas. É um processo com a natureza, porque o ser humano vai transformando a matéria bruta em elementos humanizantes, como forma de expressão de sua influência, ao transformar a natureza material para a satisfação de suas necessidades.

Quando o homem fabrica os seus instrumentos devemos entendê-lo como crucial e determinante, porque é quando ele se diferencia do animal. O ser humano é um animal faber, um ser que trabalha por meio dos instrumentos que ele próprio fabrica transformando a natureza. A cada apropriação, cresce o domínio sobre a natureza e, também, fica mais complexa e múltipla esta relação, mas, na mesma relação, de forma dialética, o ser humano se torna mais humano. Por meio da apropriação da natureza pelo ser humano, a natureza em si torna-se natureza para si, isto significa que a natureza perde o seu estado natural e se converte em cultural graças ao trabalho humano, a atividade.

A cultura é o resultado da totalidade da ação do ser humano sobre a natureza, é uma produção humana, na qual os objetos da natureza tornam-se capacidades humanas, forças essenciais humanas. Dito de outra forma, a cultura é resultado da atividade mediada realizada na natureza, onde os objetos dados são agora objetos trabalhados, impregnados com a marca do ser humano, que se transmitirá para outras gerações e serão modificados ao longo da história humana.

Agora, o ser humano não só opera sobre a natureza para transformá-la, para apropriar-se dela, mas significa também a objetivação da atividade humana, do sujeito ativo na natureza, na sua produção. O produto humano, gerado pelo trabalho, adquire características humanas, porque o produto leva as marcas dele, da sua consciência e da sua ação. O objeto do trabalho humano adquire a objetivação da vida genérica do homem realizado por meio do trabalho. Quando falamos de objetivação não é só essa marca genérica do ser humano no objeto produzido, mas, significa dar uma função específica aos objetos artificiais produzidos pelo homem. Cada objeto tem uma função específica, determinada pelo ser humano, para satisfazer as necessidades humanas. O ser humano transforma a matéria bruta em matéria humanizada para dar sentido ao uso em cada cultura.

A objetivação do ser humano no seu produto, também nos remete a que os objetos produzidos pelo ser humano adquirem um valor de uso. Este valor de uso é imprescindível para a existência própria do ser humano. Sem este valor de uso do objeto, o próprio objeto perderia a sua essência e assim desapareceria a cultura gerada pelo trabalho do ser humano.

Na apropriação e na objetivação, por meio do trabalho, surgem, no ser humano, novas formas de potencialidades essenciais humanas, novas propriedades e capacidades humanas. Isto significa que a atividade humana não é algo repetitivo ou acabado. Significa que as necessidades humanas não estarão nunca satisfeitas e que o homem buscará sempre transformar a natureza ou os objetos produzidos com outras funcionalidades, com outras intencionalidades, com outros significados e aspectos motivacionais. Se fosse pura repetição, o ser humano se tornaria animal. O animal não muda a sua atividade, daí a comparação que Marx (1968) realiza entre a atividade da abelha e a atividade humana. Vale a pena citar essa passagem para compreender melhor o seu significado. Diz Marx (1968):

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia; mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (MARX, 1968, p. 202).

A abelha só constrói a sua colmeia, na pura perfeição. Só que ela não poderia construir outros elementos que não seja uma colmeia para a sua existência. O ser humano tem a capacidade de construir várias formas de comodidades, de elementos que lhe sirvam para garantir a sua existência. O ser humano tem essa capacidade de sempre transformar a natureza e pôr a serviço dele.

Notamos a perfeita relação dialética entre apropriação e objetivação quando Marx (1968, p.202) afirma: *“No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia idealmente na imaginação do trabalhador”*.

O pensamento e a linguagem do ser humano são resultados, também, dessa atividade dialética que é o trabalho. São consequências diretas do processo de relação dialética entre a apropriação e a objetivação. O fazer não é inato no ser humano, não tem algo inato para repetir sempre a mesma função de trabalho.

Observamos que a abelha tem essa realização inata, biológica, no seu próprio ser, porque não tem a capacidade de pensar e refletir sobre a sua atividade. Por isso afirmamos que o ser humano se humaniza no seu trabalho.

Na criança só lhe são inatas às funções fisiológicas, mas, as outras funções como pensamento, consciência, linguagem etc., são resultados da sua própria atividade concretizada no trabalho por meio da mediação dos instrumentos, das ferramentas e da ação objetiva e concreta do adulto.

No reino animal impera o instinto e a adaptação instintiva do animal para poder sobreviver. Já o ser humano deve perder esse instinto para que não desapareça e deve assumir o trabalho como atividade mediada encaminhada para realização da sua própria existência.

Agora, o mais importante é que o trabalho cria a consciência, como diz Marx & Engels:

[...] O homem também possui consciência. Mas não se trata de uma consciência que seja de antemão consciência “pura”. [...] A consciência é pois um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens. A consciência é, antes de tudo, a consciência do meio sensível imediato e de uma relação limitada com outras pessoas e outras coisas situada fora do indivíduo que toma consciência. (MARX & ENGELS, s/d, p.36).

O ser humano é uma matéria e a consciência é a sua maior propriedade organizativa vinculada ao cérebro humano. A consciência surge quando o ser humano sente a necessidade de transformar a natureza com instrumentos especialmente preparados e de dar respostas para as suas necessidades criadas por meio da consciência. A consciência é a capacidade de fazer inteligível e compreensível o reflexo que emana da própria matéria.

Leontiev (1978) afirma que:

La tesis inicial del marxismo sobre la conciencia consiste en que ésta es una forma cualitativamente particular de la psiquis. Aunque la conciencia tiene también una larga prehistoria en la evolución del mundo animal, en el hombre aparece por primera vez en el proceso en que se fueron estableciendo el trabajo y las relaciones sociales. Desde el comienzo – afirman Marx y Engels en la “Ideología Alemana” – la conciencia es un producto social (LEONTIEV, 1978, p.26).

A consciência surge no ser humano como resultado da forma evolutiva do seu processo de atividade superior, estabelecido pelo exercício do trabalho numa relação dialética entre a própria natureza e as relações humanas. Sem o trabalho e as relações humanas, não seria possível a existência da própria consciência humana. Seria como o animal, com sua psique, mas sem consciência. Quanto mais sofisticado é o trabalho humano, a consciência é mais desenvolvida.

A consciência é resultado da própria atividade humana, o trabalho, e da sua relação social. O trabalho e essa relação social será o fator determinante do surgimento da consciência humana. Sem esses pressupostos, a consciência não seria possível. O trabalho e a relação social são elementos vinculantes e relacionados intrínseca e dialeticamente.

Outro autor, como Krapivine (1986), conclui:

[...] a consciência surgiu das necessidades da produção e da vida social em geral. Por isso, não pode nem aparecer nem existir fora da sociedade e das relações sociais. Do começo ao fim, ela é um produto social, o resultado do trabalho coletivo dos homens. Esta conclusão do materialismo dialético está inteiramente de acordo com as investigações científicas, abrangendo tanto a formação da sociedade em geral como também a da consciência individual, em particular. (KRAPIVINE, 1986, p.118-119).

O ser humano desenvolve a sua consciência nessa relação dialética entre atividade própria do ser humano e a própria matéria. A integração na vida social do ser humano faz com que a consciência seja altamente desenvolvida.

Uma criança recém nascida não tem a consciência, mas, ao longo da sua vida irá desenvolvendo a sua consciência. Mas, para desenvolver essa consciência, o ser humano precisa viver em sociedade, em relação constante com outro ser humano. A consciência só é possível nessa mediação constante que acontece entre os homens e a natureza no contexto social, sociogenético. Só a simples relação com a natureza, com o mundo material, não lhe permite desenvolver a sua consciência. Temos vários exemplos de seres humanos que foram encontrados vivendo em estado de pura natureza, sem a relação com outro ser humano. Os casos mais típicos são de Amala e Kamala, as meninas-lobo. Estes casos nos mostram que o desenvolvimento do ser humano e da sua consciência estão diretamente relacionados à integração que ele deve fazer na vida social.

O surgimento da consciência no ser humano não foi por acaso, mas está relacionado diretamente com o trabalho que ele começa a realizar. O trabalho é o elemento diferenciador e motivador do surgimento da consciência no ser humano.

A formação da consciência é o resultado de um longo processo da atividade humana ao longo de toda sua existência histórica. E toda atividade é um processo da manifestação da objetivação e apropriação do ser humano na própria matéria. Toda atividade humana é resultado de uma sociedade concreta. Ou seja, a consciência humana é resultado do processo social da atividade humana.

A consciência é social e cultural porque é resultado do próprio trabalho humano, concretizado no mundo da natureza para transformar a própria natureza e buscar a sua humanização. A consciência significa essa constante luta do ser humano no processo da sua própria humanização. O ser humano, como material, está na natureza, não como um ser acabado e formado, senão, está presente para concretizar a sua humanização numa relação dialética, processo dialético, entre natureza e outros homens. E a consciência, como elemento da matéria altamente organizada, é o fundamental para que o ser humano seja a condição do critério de verdade absoluta de transformação das condições materiais da existência humana. A consciência humana, como fruto da sua existência humana, é o instrumento que dirige, governa toda a atividade prática do próprio ser humano.

O materialismo histórico-dialético como fundamento metodológico

Vygotski (1991), em suas pesquisas, buscava elaborar categorias e princípios para desenvolver uma teoria psicológica que abarcasse o psiquismo humano, fundamentando-se no materialismo histórico-dialético de Marx. Uma preocupação inicial nessa busca era a de estabelecer interlocução com os psicólogos russos da época demonstrando que a consciência e o comportamento, objetos da investigação psicológica, não poderiam ser entendidos separadamente, mas como uma totalidade dialética. Sendo assim, tinha como motivação em sua obra identificar o mecanismo do desenvolvimento de processos psicológicos no indivíduo (formação do Psiquismo) por meio da aquisição da experiência social e cultural. Vygotski (1996) tem como objetivo estudar a história do problema do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, partindo da base de uma crítica científica rigorosa pautada no materialismo histórico-dialético de Marx.

Vygotski (1991) analisa a crise da psicologia da sua época e elabora o método microgenético para ir à raiz do problema das funções psíquicas superiores. Vygotski se apropriou da essência do marxismo e usou-a como o princípio da sua fundamentação teórica. Vygotski não tinha a intenção de apenas citar o marxismo na sua pesquisa, mas apropriar-se do método dele para avançar em profundidade teórica e prática nas suas pesquisas:

No quiero saber qué quiere decir psiquis, abriendo un par de citas, yo quiero aprender completamente el método de Marx, cómo se constituye la ciencia y cómo se llega a la investigación de la psiquis. (VYGOTSKI, 1991, p.391).

Vygotski (1991) fundamenta a sua pesquisa no próprio materialismo marxista porque encontra nele o método capaz de entender as contradições existentes no interior do objeto de estudo, neste caso, as funções psíquicas superiores. Portanto, o método dialético marxista permitiu a Vygotski (1991) ir às leis das contradições internas do objeto, ir do abstrato para chegar ao ponto concreto na perspectiva da totalidade.

Vygotski (1996) critica com fundamentos teóricos as teorias que sustentam a psicologia da sua época, por fundamentar-se na dialética mecanicista, no empirismo e no próprio idealismo, porque o problema da psicologia da sua época deve-se ao uso inadequado da metodologia, ou seja, a crise da psicologia é devido ao uso de uma metodologia que toma o seu objeto de pesquisa, neste caso, o ser humano, na forma fragmentada, dividida, imparcial, etc., e não de forma de unidade dialética, indo até a própria essência do ser humano.

Ele apresenta uma psicologia geral, cultural e dialética que não se fundamenta no materialismo mecanicista ou idealista como forma de superar essa crise psicológica, mas, fundamenta-se no materialismo histórico-dialético de Marx.

La búsqueda del método se convierte en una de las tareas de mayor importancia de la investigación. El método, en este

caso, es al mismo tiempo premisa y producto, herramienta y resultado de la investigación. [...] La total revelación del método deberá ser el objetivo de toda la obra en su conjunto. [...] El problema del método es el principio y la base, el alfa y el omega de toda la historia del desarrollo cultural del niño (VYGOTSKI, 1996, p.47).

E buscando esse método para ir a raiz do problema que se refere às funções psíquicas superiores, abraça o materialismo histórico-dialético, pois:

Estudiar algo históricamente significa estudiarlo em movimiento. Esta es la exigencia fundamental del método dialectico. Cuando en una investigación se abarca el proceso de desarrollo de algún fenómeno en todas sus fases y cambios, desde que surge hasta que desaparece, ello implica poner de manifiesto su naturaleza, conocer su esencia, ya que sólo en movimiento demuestra el cuerpo que existe. Así pues, la investigación histórica de la conducta no es algo que complementa o ayuda el estudio teórico, sino que constituye su fundamento (VYGOTSKI, 1996, p. 67-68).

Vygotski (1996) não encontrou firmeza de pesquisa nos métodos do empirismo subjetivo e do materialismo mecanicista da sua época. Essas duas teorias criticadas por Vigotsky não foram capazes de dar uma solução ao problema do objeto da psicologia. Por isso Vygotski (1996) elabora o seu método microgenético, fundamentado no materialismo histórico-dialético de Marx.

O método histórico-dialético é uma alternativa metodológica que assinala a possibilidade de superação da dicotomia sujeito-objeto, indica a necessidade e a transformação do psiquismo humano pela mediação semiótica da cultura humana. O objeto estudado tem relação dialética com o próprio sujeito, propulsor da pesquisa.

Quando assinalamos esta reciprocidade intrínseca entre o objeto e o sujeito, estamos indicando tomar na sua totalidade ambos os elementos e ir à busca da origem de um determinado problema. O método histórico-dialético não nos permite pensar nem agir dicotomicamente, porque esse método tem uma ação abrangente, totalizante e só analisa o processo dos fatos, não o resultado final do processo. Aqui, dialeticamente, podemos afirmar que o processo indica a forma qualitativa da pesquisa, contrapondo-se desta forma à análise exclusivamente quantitativa, cujo objetivo principal é a comprovação dos resultados por meio de instrumentos numéricos, estatísticos.

Toda a pesquisa de Vygotski (1996) orienta-se em ir ao interior, à raiz do problema humano, para analisar e compreender a própria origem do problema no ser humano. Esta forma de fazer pesquisa, de ir à raiz da condição humana, significou uma verdadeira revolução nos princípios metodológicos que buscavam compreender o psiquismo humano ou as funções psíquicas superiores da ótica histórico-cultural.

O estudo da gênese humana nos mostra que há uma relação histórica e cultural, interpsicológica e intrapsicológica na formação do ser humano. Resumindo diríamos, o ser humano é a soma da totalidade dessas relações concretas e reais. E é nessa totalidade que encontraremos no ser humano a origem do próprio desenvolvimento integral do homem. Só conseguiremos ir à raiz do problema, usando o método histórico-dialético.

O problema do método resulta ser um problema filosófico-metodológico. Toda teoria tem uma fundamentação filosófica manifestada nos resultados obtidos nas pesquisas. E a psicologia que Vygotski (1993) criticava tinha essa fundamentação filosófica, mas, não era o materialismo histórico-dialético, mas, simplesmente a dialética mecanicista, que só se interessava com o resultado e não com o processo.

Por isso, Vygotski (1993) mostra muitos exemplos dos resultados obtidos por essas psicologias, demonstrando a relação efeito e causa. Essas psicologias analisavam os processos naturais e nunca os processos culturais, resultantes da atividade mediatizada pelos instrumentos históricos do ser humano, cujos elementos desenvolviam o psiquismo humano. Aqueles que chegavam a conceber os aspectos culturais, o faziam em segundo plano, priorizando os fatores biológicos.

A partir dessa análise crítica sobre as outras psicologias é que Vygotski (1993) cria e defende o método histórico² - genético³ (microgenético). Considera que os processos psicológicos devem ser estudados em seu desenvolvimento dinâmico, devido ao fato de que sua natureza se caracteriza mais por saltos “revolucionários” do que por incrementos quantitativos constantes. E porque os pontos principais do desenvolvimento identificam-se com as mudanças experimentadas na forma de mediação utilizada.

Por isso Vygotsky (1977) enfatiza dizendo:

Necesitamos concentrarnos, no en el producto del desarrollo, sino en el proceso mismo mediante el que las formas superiores se constituyen... Plantear una investigación sobre el proceso de desarrollo de un objeto determinado con todas sus fases y cambio –desde el nacimiento hasta la muerte- significa fundamentalmente descubrir su naturaleza, su esencia, de manera que “es solamente en movimiento cuando un cuerpo muestra lo que es”. Por ello, el estudio histórico (en el sentido más amplio de la palabra “historia”) del comportamiento no es un aspecto auxiliar del estudio teórico, sino que, más bien, forma su auténtica base (VYGOTSKY, 1977, p.64-65).

O que Vygotski (1993 e 1996) buscava com esse novo método de investigação? Primeiro, buscava ser coerente no seu método com a sua matriz teórica, fundamentada no materialismo histórico-dialético de Marx (1985); segundo, buscava analisar o objeto de pesquisa como processo, não como fatos isolados da realidade histórica, senão como fatos que tem sua origem na historicidade e; terceiro, mudar, suplantando a análise fenotípica e análise genotípica porque intentavam analisar os fenômenos psicológicos sem considerar seu desenvolvimento ou evolução. Ou seja, para Vygotski (1993 e 1996) só é possível ir à raiz do problema quando se muda o método de análises de elementos pelo método de análises de unidades.

² O termo histórico-genético aparece na página 449, do Tomo I das “Obras Escogidas”.

³ O conceito “genético” tem um significado relacionado com os processos de desenvolvimento e não se referindo aos genes ou código genético. Portanto, o conceito de “método genético”, desde o ponto de vista vigotskyano, não deve identificar-se com o desenvolvimento evolutivo infantil, nem com os genes, mas ir à gênese, método central da ciência psicológica marxista, fundamentada no materialismo histórico-dialético.

Considerações finais

Vimos e analisamos alguns pressupostos do materialismo histórico-dialético de Marx que são as bases da própria teoria de Vigotsky na elaboração da Teoria Histórico-Cultural. Fazer um estudo aprofundado da ontologia e do método marxista é transcendental para a compreensão e conhecimento de todo o pensamento de Vigotsky.

Refletimos sobre o materialismo histórico-dialético e sobre os conceitos que se referem a ele, de forma a aprofundar a compreensão do porque a Teoria Histórico-Cultural tem sua base no Materialismo Histórico-Dialético de Marx, e, principalmente, entender e compreender essa teoria vigotskyana e implementá-la nas práticas pedagógicas.

Assim, destacamos a relação dialética entre o social e individual, o trabalho, o desenvolvimento ontológico e gnosiológico, a formação do pensamento e linguagem como resultado social e a lógica dialética para ir à raiz da essência do objeto ou sujeito.

Destacamos a importância da apropriação e da compreensão teórica do materialismo histórico-dialético, porque esta teoria nos apresenta uma nova forma de compreender o ser humano e a própria natureza. Não podemos prescindir do materialismo histórico-dialético quando abraçamos o pensamento filosófico da escola de Vigotsky. Há uma fusão entre as duas teorias aplicadas nas práticas pedagógicas.

Referências

ENGELS, F., O funeral de Karl Marx. In: FROMM, E. *Conceito Marxista do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Brasil, 1979.

_____. *A Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, Brasil, 1991.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRAPIVINE, V. *Qué é o materialismo dialético?* Moscou: Edições Progresso, 1986.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, Portugal, 1978.

MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, K. & ENGELS, F. *Ideología alemana*. México: Ediciones de Cultura Popular, México, s/d.

MARX, K. *Manuscritos: economía y filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, España, 1985.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas. Tomo I*. Madrid: Visor Distribuidores, S.A., 1991.

_____. *Obras Escogidas. Tomo II*. Madrid: Visor Distribuidores, S.A., 1993.

_____. *Obras Escogidas. Tomo III*. Madrid: Visor Distribuidores, S.A., 1996.

_____. *Pensamiento y lenguaje*. Buenos Aires: La Pléyade, 1977.